

Os suportes da comunicação: entre meio e poder

Communication resources: between media and power

■ JUREMIR MACHADO DA SILVA *

RESUMO

Este texto analisa o olhar de Harold Innis em relação aos suportes da comunicação escrita através do tempo e trabalha a relação entre poder, sociedade e meios de comunicação por meio dos seus suportes. Focaliza a atualidade de uma obra, *O viés da comunicação*, só traduzida no Brasil em 2011. Reflete sobre a transitoriedade de todos os suportes da escrita. Questiona o apego dos homens de cada época aos suportes dominantes em seus tempos. Cruza o pensamento de Innis com o de Vilém Flusser. Pergunta: o que vai desaparecer: papel ou escrita? Como será a comunicação sem papel? **Palavras-chave:** Harold Innis, impresso, papel, imaginário, tecnologia, Vilém Flusser

ABSTRACT

This paper analyzes the view of Harold Innis in relation to the resources of written communication across time and scrutinizes the relationship between power, society and channels through media. It focuses on the up-to-dateness of the work, "The bias of communication", only translated in Brazil in 2011. It reflects on the transience of all the resources of writing. It questions the commitment of men from each era to dominant resources in their times. It crosses the thoughts of Innis with those of Flusser. Question: what will disappear: paper or writing? What will communication look like without paper?

Keywords: Harold Innis, print, paper, imaginary, technology, Vilém Flusser

* Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Doutor em Sociologia pela Sorbonne, Paris V. E-mail: juremir@pucrs.br

O PAPEL DA ESCRITA

A ESCRITA MUDOU O mundo. Nada mais óbvio. Inútil recontar o seu surgimento e desenvolvimento. Desnecessário fazer o inventário das alterações que produziu. Basta dizer que se tornou praticamente inquestionável dividir as culturas em letradas e iletradas. A própria noção de História tem como seu marco inaugural a invenção da escrita. A história da escrita, porém, é um verdadeiro romance, um épico, uma gigantesca novela salpicada de tragédias, conquistas, sofrimentos, guerras e ardis. Uma história de crenças, ideologias e poder. Poucas vezes uma invenção contou tanto para gerar inclusão e exclusão ao mesmo tempo de seres humanos. Toda uma parte da humanidade foi empurrada para fora da História. O homem deu grandes saltos ao longo dos milênios: dominou o fogo, descobriu a agricultura, domesticou animais, inventou a roda, pariu a escrita.

Nenhuma dessas descobertas ou invenções ocorreu sem custos. Cada extraordinária tecnologia cria um mundo e sepulta outros. A escrita produziu o conceito de civilização e empurrou para o ostracismo do primitivismo, da selvageria ou da barbárie os seres e culturas limitados à oralidade. Na longa noite dos tempos, como se dizia em outras épocas, tempos em que os escritores se permitiam arroubos românticos, os homens enfrentavam enormes desafios: como armazenar e transmitir informações a distância? A escrita deu resposta a essas duas perguntas: serviu de memória artificial e de veículo de comunicação. Mas não pôde, obviamente, cumprir essas funções sozinha. Exigiu para isso códigos e suportes. A escrita é um universo autônomo e dependente. Precisa de apoios, mas se ergue acima deles, fundando mitologias.

O homem sem escrita aparece hoje como o habitante de um passado remoto, uma espécie de dinossauro minúsculo às voltas com forças naturais extremas e com perigos colossais. Uma folha de árvore soprada por ventos violentos. Esse homem longínquo povoa agora um imaginário de filmes juvenis no melhor estilo *Sessão da Tarde*. Como pôde sobreviver em ambientes tão inóspitos? Como pôde inventar e transmitir culturas antes da cultura da escrita com seu poder de armazenamento e de transmissão de informações? Mais uma vez é possível e mesmo plausível deixar de narrar aqui todas as etapas dessa grande luta do homem na construção dessa sua humanidade cultural. É suficiente certamente sugerir que na produção da humanidade do homem a escrita teve um papel decisivo.

Por outro lado, o homem sem escrita não está tão distante assim. Ele pode ser o indígena que ainda resta em espaços geográficos delimitados, como a Amazônia, ou o excluído por analfabetismo das chamadas *sociedades complexas*. Foram os homens da escrita, espíritos iluminados e iluministas, que

inventaram essa dicotomia, sociedades primitivas e sociedades complexas, sociedades sem escrita e sociedades com escrita. Curioso universo classificatório na medida em que a escrita foi e continua sendo uma das armas mais poderosas contra o preconceito, mas também a favor dele. Se a escrita serviu para combater a ignorância e a superstição, metralhadora giratória dos Iluministas, também serviu para fabricar um novo preconceito: aquele contra os analfabetos. Mas também não é essa a história a ser discutida aqui.

O que separa o homem da natureza? Muitas podem ser as possibilidades, as hipóteses, de responder a essa questão. Uma delas é esta: a escrita é o artifício que separou definitivamente o homem dos demais animais (e dos demais homens?). Como se diz, a escrita é um divisor de águas, um oceano separando mundos, o mar aberto que, por exemplo, fez da Europa um universo etnocêntrico convencido, por muito tempo, da sua superioridade sobre os demais, especialmente sobre os sem escrita da América e da África. Se tudo isso é questionável, questionado, amplo, genérico, ainda assim permite dar um passo à frente: a escrita é uma tecnologia. Toda tecnologia tem seu tempo? A escrita é uma tecnologia que depende de outras tecnologias e artefatos. A escrita, para cumprir seu papel, precisa de suportes. Na era do virtual ainda se pode falar assim? Estará a escrita experimentando um não suporte? Ou estará chegando ao seu fim como memória artificial e veículo de comunicação? É o fim de um papel?

O VIÉS DE HAROLD INNIS

No imaginário cotidiano – senso comum – dos homens do século XXI, especialmente no imaginário dos amantes da cultura literária, o livro e a escrita formam um par indissociável. Têm muito passado. Terão futuro? Sabe-se que perguntar pode ser mais importante do que responder. Sabe-se também que repetir perguntas não respondidas pode ser ainda mais importante. Intelectual é aquele que provoca o debate. Questionar o futuro desse par desperta a ira dos mais passionais e provoca automaticamente a nostalgia de um paraíso pretensamente em perdição. É comum se ouvir doutores louvando melancolicamente a textura do papel, o cheiro, o formato do livro. As novas tecnologias sepultam impiedosamente a cada dia os argumentos aparentemente mais racionais desses desesperados defensores de um objeto, de uma cultura, de um tempo, de um modo de ser, de uma visão de mundo.

O canadense Harold Innis não era um homem da Comunicação. Não pertencia a esse universo acadêmico que se tornaria um campo particular de estudos. Entrou nesse jogo, por assim dizer, já na prorrogação. Como outros pesquisadores, percorreu a longa história dos suportes da escrita e da comunicação.

D

Os suportes da comunicação: entre meio e poder

Percebeu que comunicação é poder. Impossível não se chegar a essa conclusão. Compreendeu, o que já é mais relevante, que esse poder em grande parte vem do controle dos suportes da comunicação. Se a escrita é uma tecnologia de controle, tecnologia de poder, para controlá-la sempre foi determinante controlar os seus suportes, talvez até mais do que os códigos. Podia-se ensinar a ler e a escrever desde que o controle do papel permanecesse papel de poucos, os donos do poder. Innis levou ao extremo a relação entre poder, cultura e tecnologias de comunicação. Foi acusado de determinismo tecnológico. Pode ser defendido como teórico de uma determinação tecnológica. Há tecnologias que mudam o mundo e os homens mesmo que nem todos as utilizem.

Inútil perder tempo retomando Martin Heidegger para sustentar que a tecnologia não é neutra. Innis vai direto ao ponto: a influência da comunicação sobre a sociedade ocidental.

A cada época, um suporte, uma ferramenta e uma modalidade: a) a argila, o estilete e a escrita cuneiforme do começo da civilização na Mesopotâmia; b) o papiro, o pincel e [as escritas] hieroglífica e hierática do período greco-romano, aos quais se acrescentam o estilete de junco e o alfabeto [no momento] da queda do Império do Ocidente; c) o pergaminho e a pena no século X (ou Idade das Trevas); d) que coexistem com o papel, o qual se torna mais importante com a invenção da imprensa; e) o papel e o pincel da China e [de outra parte] o papel e a pluma na Europa, antes da Renascença ou da invenção da imprensa; f) o papel e a imprensa tipográfica baseada em métodos artesanais até o início do século XIX, ou [no período que vai] da Reforma até a Revolução Francesa; g) o papel produzido por máquinas e o uso de [fontes de] energia [não humana] para a prensa tipográfica, a partir do início do século XIX, ao papel fabricado da madeira, na segunda metade [deste mesmo] século; h) o celuloide na expansão do cinema; i) e finalmente o rádio no segundo quarto do século XIX (Innis, 2011: 69-70).

Além da televisão, viria também a internet. A longa citação de Innis descreve quase todo o tempo a escrita, seu suporte e o seu instrumento de realização: argila e estilete, papiro e pincel, pergaminho e pena, papel e pincel, papel e imprensa etc. Cada suporte exige um instrumento de realização da escrita. Mas todos os suportes se mostraram passageiros. O papel impôs-se. Teve, contudo, diferentes matérias-primas. Longa foi a busca pela melhor fonte de produção de papel. Se a escrita condiciona um pouco de tudo, inclusive, ou principalmente, a arte e a política, os seus suportes têm participação decisiva nesse condicionamento. Innis sustenta: “a rápida expansão da poesia lírica grega no século VII tem sido atribuída à difusão de papiro barato” (Ibid.: 74). Esse papiro barato teria resultado da abertura dos portos egípcios aos gregos em 670 a.C.

Em outras palavras, a história da comunicação tem sido em grande parte a história da escrita, que tem sido a história dos seus suportes, com lugar privilegiado para o papel. Por outro lado, pode-se dizer que a história da escrita tem sido a narrativa do surgimento e desaparecimento dos seus suportes, todos efêmeros, transitórios, passageiros, superados por outros mais eficazes, mais baratos e sempre mais disponíveis a um maior número de usuários. A história da comunicação tem sido a história da escrita como meio de memorizar e transmitir informação em suportes datados historicamente e ultrapassados por outros de custo menor e disponibilidade maior. Uma busca permanente por suportes mais flexíveis, fartos, baratos, limpos e inesgotáveis. Innis não viveu para ver o surgimento e a expansão do ideal, o virtual, o não suporte: inesgotável como o vento, não poluente (salvo na produção dos seus aparelhos de funcionamento, os computadores), e de preço mínimo.

O papel parecia invencível. A cadeia papel/prensa/livro/jornais/revista tornou-se uma lenda. Produziu leveza, rapidez, grande capacidade de memória e de transmissão de informações. Afigurava-se eterna. O rádio e a televisão deram os dois primeiros grandes golpes no poder da escrita. Imagem e som ganharam força. Mas nunca deixaram de precisar da escrita. Transmitiam informação a distância sem papel, mas se alimentavam de papel e não podiam, nem pretendiam, universalizar-se. Cabia à maioria a condição de receptor. Eis que no final do século XX, quando todas as utopias e revoluções pareciam liquidadas, acontece um novo salto tecnológico sem precedentes: um novo suporte para a escrita. Fim, potencialmente, da necessidade do papel. Em princípio, a escrita persiste. Até quando? O virtual é o novo suporte. O computador é o novo instrumento de registro, sucessor distante do estilete de junco. Um novo imaginário se configura. É dispensável fazer o inventário das vantagens e desvantagens do suporte papel e do virtual. Uma tendência está em fase de consolidação. O tempo é seu aliado.

AS INTUIÇÕES DE FLUSSER

Como fica o controle quando não há mais suporte? Como fica a escrita quando se pode viver sem ela? Harold Innis destaca um aspecto raramente abordado: o papel também enfrentou desconanças e preconceitos. Nada mais tradicional. Toda revolução tecnológica passa por determinadas etapas: impossível, desnecessário, para poucos, incompleto e ineficaz são alguns dos termos que rotulam aquilo que, vindo para ficar, sacode uma realidade aparentemente imutável e incontornável. Diz Innis: “com a superação do preconceito contra o papel (por ser um produto de árabes e judeus) e com a disseminação do comércio, aumentou o uso do pergaminho como *médium* para as escrituras e os clássicos”

D

(Ibid.: 91). Aos poucos, a lei econômica se imporia devastando um universo de usos, práticas, relações, ganhos e poderes.

Ao longo de séculos tudo girou em torno da busca e da obtenção de suportes mais baratos para a escrita, ainda mais que a imagem foi estigmatizada por razões religiosas. Quando o papel se firmou como o suporte ideal tudo passou a girar em torno da obtenção de matérias-primas mais baratas para a sua produção. Hoje, fazendo um salto a partir dessa base mínima, pode-se afirmar: a questão do suporte está superada. O papel já pertence à história, ou à pré-história da comunicação, suplantado por um não suporte inimaginável, o suporte ideal. Resta a produção dos aparelhos de realização desse suporte virtual. Innis entendia que cada invenção tecnológica revolucionária gera um impacto de conseqüências exuberantes:

Tenho tentado demonstrar que o advento de repentinas extensões da comunicação tem por conseqüência distúrbios culturais. O uso da argila favoreceu a dominação dos templos, valorizando o clero e a religião. Bibliotecas foram erguidas na Babilônia e em Nínive para fortalecer o poder da monarquia. O papiro favoreceu o desenvolvimento da organização política do Egito (...). O aperfeiçoamento dos manuscritos e a maior disseminação do conhecimento permitiram a sobrevivência dos judeus graças à ênfase nas Escrituras e no livro (Ibid: 100-101).

O poder, mais uma vez, esteve ligado ao controle do código, do instrumento de registro e do suporte. Qual o distúrbio cultural possível quando o instrumento de registro se torna universal e o suporte desaparece ou torna-se imaterial e acessível a todos? Fim do poder? Começo de uma nova democracia? Aurora de um mundo libertário?

Com acesso ao papel, os muçulmanos em Bagdá, e mais tarde na Espanha e na Sicília, forneceram um *médium* de transmissão da ciência grega para o mundo ocidental. A ciência grega e o papel, com o incentivo da escrita no idioma vernacular, provocaram o cisma entre o poder temporal e o poder espiritual e destruíram o Sacro Império Romano. O declínio de Constantinopla significou um estímulo à literatura e à filosofia grega, assim como o declínio do islamismo significou estímulo à ciência. A imprensa renovou a ênfase no livro e contribuiu para o desenvolvimento da Reforma. Por sua vez, novos métodos de comunicação enfraqueceram a adoração do livro e abriram caminho para novas ideologias (Ibid.: 101).

O livro, vale repetir, é uma invenção consolidada muito recentemente em termos de escala temporal. É o produto de uma tecnologia e de uma época. A

informática e a internet representam o dobrar dos sinos para tecnologia? O livro está desaparecendo? Ou apenas o suporte papel? Se para alguns livro e papel formam um par indissolúvel, outros já aceitam entregar os anéis para não perder os dedos, que morra o papel se for preciso para que o livro, noutro suporte, permaneça. A situação, porém, já é mais grave. Talvez seja preciso entregar os dedos para salvar a mão: que morra o livro (a escrita) se for para salvar as histórias, as narrativas, o contar. Retorno à imagem? Retorno à oralidade? Fim da necessidade da escrita como memória artificial e como instrumento de transmissão de informações a distância e no tempo?

Em 1987, Vilém Flusser publicou em alemão um livro inquietante com uma pergunta como subtítulo: “Há um futuro para a escrita?” Passados 25 anos a resposta parece dançar na frente de todos. Já é possível armazenar todo tipo e quantidade de informação em som e imagem. Assim como é possível transmitir tudo em audiovisual. Caminhamos para uma sociedade de analfabetos? Flusser abriu a sua obra de maneira avassaladora:

Parece não haver quase ou absolutamente nenhum futuro para a escrita, no sentido da sequência de letras e de outros sinais gráficos. Hoje em dia, há códigos que transmitem melhor a informação do que o de sinais gráficos. O que até então foi escrito pode ser mais bem transportado por fitas cassetes, discos, filmes, fitas de vídeo, discos de vídeo (CD-ROM) ou disquetes. E muito daquilo que não pôde ser escrito pode ser codificado nesses novos códigos. As informações codificadas nesses moldes são mais fáceis de serem produzidas, transportadas, recebidas e arquivadas do que em textos escritos (Flusser, 2010: 17).

Pobre Flusser, todos os suportes citados por ele já foram superados por outros ainda mais eficientes ou por outro – nuvem virtual – que se caracteriza como o suporte ideal por não ser um. Sem entrar nas intenções de Flusser – defender a salvação da escrita ou anunciar o seu fim –, percebe-se o quanto a sua análise toma cada vez mais a aparência de uma profecia. Qual o futuro da humanidade sem escrita? Qual seria o impacto do desaparecimento ou da marginalização da escrita em sociedades democráticas? Os mais cautelosos afirmam que até agora a internet só fez aumentar o uso da escrita. Até quando? Que tipo de escrita? Uma escrita condensada? A morte do papel parece anunciada. Será, talvez, como o pergaminho em outro tempo, aquele tempo citado por Innis quando da disseminação do papel, usado para impressões artesanais, artísticas, anacrônicas, vestígio de uma era revoluta? O problema, contudo, não é mais o papel, mas a escrita.

O VIÉS DA ESCRITA

Tudo tem seu tempo. O tempo tende a fazer-se aparentemente intemporal para aquilo que marca. A escrita é uma incisão profunda no imaginário moderno. Flusser fez uma exposição densa e apaixonada do valor dessa escrita associada a pensamento profundo:

Escrever não é apenas um gesto reflexivo, que se volta para o interior, é também um gesto (político) expressivo, que se volta para o exterior. Quem escreve não só imprime algo em seu próprio interior, como também o exprime ao encontro do outro. Essa impressão contraditória confere ao escrever uma tensão. É por isso que a escrita tornou-se o código que suporta e transmite a cultura ocidental, e deu, a essa cultura, uma forma tão explosiva (Ibid: 21).

E se essas palavras de Flusser forem apenas uma impressão? E se desse impressionismo só emanassem palavras bem alinhadas, com certa lógica, a lógica do argumento possível, provável, mas indemonstrável? E se o poder da escrita capaz de tornar a sociedade ocidental tão explosiva viesse simplesmente da sua capacidade, insuperável até então, de servir de memória artificial e de veículo leve e ágil de transmissão de informações? Por que a imagem e a oralidade seriam cognitivamente inferiores à escrita? Cada tecnologia cria o seu imaginário, sua mitologia, sua necessidade e seus defensores. A característica principal das tecnologias mais revolucionárias é se imprimir no imaginário social como incontornáveis. A escrita fundou um sistema de hierarquia social, com escalas, categorias, prêmios, benefícios, distinções, funções. Como imaginar a permanência dessa hierarquia sem o seu fundamento?

O viés mais profundo da comunicação é a escrita. Mas, já no tempo de Harold Innis, era possível observar: “a educação, a leitura, o entretenimento, a política, a religião e a filosofia têm sido profundamente afetados pelo rádio e pela televisão” (Innis, 2011: 299). Rádio e televisão fazem agora parte das velhas tecnologias, ambos profundamente afetados pela informática e pelo virtual. Na época do audiobook, ler ganha nova dimensão. Retorno aos contadores de histórias? Ocaso dos escritores de histórias? É possível realmente pensar, a médio prazo, num mundo sem escrita? Flusser, apenas um quarto de século atrás, escrevia em tom de ficção científica:

Se devemos abrir mão da escrita, então não haverá em nosso meio ambiente qualquer tipo de papel a não ser o de embalagem. Movida pela saudade, a celulose retornará a suas células; as florestas ficarão mais verdes; e o junco não balançará mais ao vento matinal apenas às margens do Nilo, mas em todos os rios da terra. O puro horror não envolve a nós, traças de livros e cupins que devoram os papéis, nessa utopia verde (Flusser, 2010: 107).

Tudo já aconteceu. As antecipações de Flusser ficaram para trás como uma profecia banal ou certa:

Certamente, haverá então outras e melhores memórias artificiais do que as bibliotecas. Tudo aquilo que até hoje é mantido em bibliotecas será transposto para essas novas memórias. O conceito de Enciclopédia Britânica vai exigir menos do que um centímetro cúbico, e cada informação ali contida estará à disposição num rápido toque de uma tecla. Haverá aparelhos em que aparecerão em forma de imagens sonoras quaisquer segmentos da informação desejada (Ibid.: 107-108).

Do encontro entre Harold Innis e Vilém Flusser sobressai uma iluminação: Jules Verne é um dos maiores pensadores de todos os tempos. O seu papel é o de um símbolo. Antecipar o impossível que se tornará possível. O papel, suporte de uma civilização, é agora uma embalagem morta. Será a escrita um fantasma impresso no sulco das imaginações? Os argumentos em favor da superioridade, da necessidade e imortalidade da escrita começam, vez ou outra, a empalidecer. Um artigo como este não pode ter grandes pretensões. Basta-lhe a coragem para repetir essa pergunta, que será chamada de requeitada por uns, de superada, por outros, e também de impertinente: a escrita cumpriu o seu tempo? Seremos, enfim, todos novamente iletrados, mas numa condição superior?

À beira de um rio, vendo tremular os juncos, homens pensarão histórias que se disseminarão pelas nuvens. 

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *La dialectique de la raison*. Paris: Gallimard, 1989.
- BAUDRILLARD, Jean. *À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. *Da sedução*. Campinas, Papyrus, 1991.
- _____. *A transparência do mal*. Campinas: Papyrus, 1991.
- _____. *Le crime parfait*. Paris: Galilée, 1995.
- _____. *Por uma crítica da economia política do signo*. Lisboa: Edições 70, 1995.
- _____. *As estratégias fatais*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- _____. *Tela total: mito-ironias da era do virtual e da imagem*. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas III: Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BLOOM, Allan. *O declínio da cultura ocidental*. São Paulo: Best-Seller, 1989.
- BORGES, Jorge Luis. *Obras completas*. Buenos Aires: Emecê, 1974.

D

Os suportes da comunicação: entre meio e poder

- BOURDIEU, Pierre. *La Distinction: critique social du jugement*. Paris: Minuit, 1979.
- . *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- DEBORD, Guy. *A Sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DERRIDA, Jacques. *Escritura e diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- . *Do Espírito*. Campinas: Papyrus, 1990.
- . *Margens da filosofia*. Campinas: Papyrus, 1991.
- CONNOR, Steve. *Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- DURAND, Gilbert. *Les structures anthropologiques de l'imaginaire*. Paris: Dunod, 1992.
- FEYERABEND, Paul. *Contra o método*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- FERRAROTTI, Franco. *Le retour du sacré: vers une foi sans dogmes*. Paris: Méridiens Klincksieck, 1993.
- FINKIELKRAUT, Alain. *A derrota do pensamento*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- FLUSSER, Vilém. *Um mundo codificado*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- . *A escrita: há um futuro para a escrita?* São Paulo: Annablume, 2010.
- HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1993.
- HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002. *Essais et conférences*. Paris: Gallimard, 1990.
- HELLER, Agnes. *A filosofia radical*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- INGENIEROS, José. *O homem medíocre: o pequeno ensaio moral e ético dirigido aos jovens*. Curitiba: Juruá, 2002.
- INNIS, Harold. *O viés da comunicação*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1996.
- JEUDY, Henri-Pierre. *A ironia da comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2001.
- KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- LASCH, Christopher. *O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- . *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- . *Refúgio num mundo sem coração – a família: santuário ou instituição sitiada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- LÉVY, Bernard-Henry. *Elogio dos intelectuais*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.
- . *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 2000.
- LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- . ; CHARLES, Sébastien. *Os tempos Hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004

- _____. *Metamorfoses da cultura liberal*. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- _____. ; SERROY, Jean. *A Tela Global: mídias culturais e cinema na era hipermoderna*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- LYOTARD, Jean-François. *Moralidades pós-modernas*. Campinas: Papirus, 1993.
- _____. *O pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- MAFFESOLI, Michel. *A Conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- _____. *Le temps revient: formes élémentaires de la postmodernité*. Paris: Desclée de Brouwer, 2010.
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1969.
- MORIN, Edgar. *Le cinéma et l'homme imaginaire*. Paris: Minuit, 1956.
- _____. *Les stars*. Paris: Seuil, 1972.
- _____. *O conhecimento comum*. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- _____. ; KERN, Anne Brigitte. *Terra-pátria*. Porto Alegre: Sulina, 1995.
- _____. *O Método 3: o conhecimento do conhecimento*. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- POPPER, Karl. *Lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix, 2000.
- SILVA, Juremir Machado (da). *A miséria do jornalismo brasileiro, as incertezas da mídia*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____. *As Tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- VATTIMO, Gianni. *As aventuras da diferença*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- WOLTON, Dominique. *Internet, e depois?* Porto Alegre: Sulina, 2007.
- _____. *Informar não é comunicar*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

Artigo recebido em 3 de julho de 2012 e aprovado em 27 de setembro de 2012.